

ANNO II.

S. Paulo, 31 de Maio de 1899

N. 14



ALBUM

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRAZILEIRAS

PROPRIEDADE
de
Analia Emilia Araujo



TYP. KING — Rua Commercio, 39 — S. PAULO

Anno II — S. Paulo, 31 de Maio de 1899 — N. 14

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANA LJA EMILIA FRANCO

Pagamento
por semestre

PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE
Endereço: Largo do Arouche, 58

Num. avulso
R\$. 1\$000

A nossa educação,

Contribuir para o progresso das luzes e aperfeiçoamento moral, tal deve ser o empenho d'aquelles que aspiram um elevado destino á patria, e sentem quanto ella se acha ainda d'elle distante.

A actividade consciente e racional que é o apagiao do homem, tem operado neste seculo a mais admiravel transformação; quer no mundo physico, quer no mundo intellectual; mas o triste preconceito que intelizmente prodomina em muitos espiritos antagonistas do nosso desenvolvimento physico, intellectual e moral, conserva-nos ainda comprimidas nos acanhados moldes de educação que nos legou a idade media.

Com rarissimas excepções os paes com uma glacial indiferença olham para o importante assumpto da educação de suas filhas, esquecidas de que ellas são as mães da humanidade, e que privado do desenvolvimento da razão e da reflexão, o espirito que não recebeu na infancia a impressão profunda e indelevel da virtude gravada pela natureza e pela

tos, usos de convenção, costumes artificiaes, sem raizes na verdadeira natureza do homem, sem norte nem relação ao fim verdadeiro, que enfraquecem a energia primitiva, sujeitando a vida a formulas caprichosas e a modos humilhantes.»

Se esses podem ser os tristes resultados da nossa educação descuidada, não devemos contudo perder a coragem, e nem renunciarmos o papel sublime que nos foi designado por Deus na familia; assim longe de ficarmos na hirta inanição dos colossos egypcios, cumpre-nos remediar o mal que ameaça a nova geração, convergindo todas as nossas forças, afim de guiarmos com mais carinho a educação da infancia no seu primeiro estado, e com isso podemos retribuir em parte um tanto, ou quanto de dedicação que devemos a nossa patria.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO



Mulher e Liberdade.

A sociedade sem liberdade é um supplicio.
VOLTAIRE - Carta ao rei da Prussia.

Antes de entrar em materia, permiti-me abrir um parenthesis e explicar, segundo os meios de que disponho, o que se entende por liberdade. Esta palavra, alma dos grandes trabalhos, objectos de grandes sacrificios, a liberdade que todo o mortal deseja ou abraça, este sentimento que vive em todos os corações e cujo nome sagrado e venerado, embora em silencio, quantas significações não tem ella?

Entretanto, creio que o seu sentido mais proprio é a « condicção do ser que não pertence a senhor algum; » podemos tambem defini-la assim: livre arbitrio, faculdade que tem o ser de fazer o que lhe convier,

Mas por liberdade pôde-se entender por ventura o *ocio*, a *despreoccupação*, isto é, o estado em que se não é útil a si mesmo nem aos outros?

Não! A liberdade pode comprehender a faculdade de escolher entre fazer uma cousa de preferencia á uma outra; mas nunca pode significar negação de acção, e a razão é que, se liberdade significasse ocio ou faculdade de nada fazer, sendo o homem naturalmente inclinado á preguiça, a sociedade estaria ainda no genesis da sua civilisação. A ultima acceção da palavra liberdade é pois rejeitada pela obrigação que todo o ser tem de trabalhar para o bem estar da grande familia humana.

Alem das definições expostas é certo que a palavra que me serve de assumpto pôde ser tomada em grande numero de sentidos, todavia eu creio que suas significações podem ser reduzidas á tres:

- 1.º Liberdade natural, ou a do ser (comprehende a especie).
- 2.º Liberdade civil ou a do cidadão.
- 3.º Liberdade politica ou a do povo.
- 3.º Referindo-me a liberdade natural me occuparei somente d ella.

N'uma das definições que acima dei da palavra de que é objecto este artigo, avancei que liberdade não podia significar faculdade ou livre arbitrio de nada fazer, pois que á ella esta ligada a idéa de acção. Visto que a acção traz comsigo a idéa de responsabilidade de um autor, e que a mulher, que faz parte da constituição da humanidade, assume uma responsabilidade igual á do homem perante a sociedade, ella deve pois gozar dos mesmos direitos do que este porque não ha lei que naturalmente não apresente duas phases, que não ha decreto ordenando, sem o seu corollario que prohibe, porque não ha edicto que impõe sacrificios sem conceder ao mesmo tempo privilegios. »

Mas onde estão os beneficios que a lei que nos carrega de impostos nos concede?

4.º « No taxation without representation, » disseram os nortes-americanos, e de lá surgiu a revolução cujos resultados nos são bem conhecidos.

Esta logica póde fazer crer em uma pretensão a impeller a reevindicação da liberdade feminina até a revolta, longe de mim tal intenção, porque a revolta a pé firme não seria senão a revolta permanente, e eu sou tão oposta a guerra civil no lar ou no casamento, como a guerra intestino no Estado.

Entretanto é innegavel que o homem que reconhece a responsabilidade da mulher, não somente restringe os seus direitos, a sua liberdade natural, mas ainda muitas vezes os frusto quando sem *Ella* a humanidade seria ainda nascente o que prova a *realaleza* feminina tanto como a masculina.

A Providencia os creou ambos, e os phisiologistas de nossos dias, areconhece lhe tantas aptidões como ao homem.

A sua organisação physica, permite lhe, quando cuidada e acostumada desde a meninice a resistir no campo ao lado do seu marido, aos raios ardentes do sol no momento das colheitas, de perder-se nas entranhas da terra, onde ella extrae o carvão junta ao seu irmão, mineiro, de medir suas forças musculares as do homem na forja, fabricando a arma que mata e nas impressões onde partem as idéas que vivificam as suas faculdades.

A *materia encephalica masculina*, or acaso estaria constituida de outros elementos do que a nossa? as suas divisões estariam diversas e estas diminutissimas differencas do volume do craneo que Sappey mencionou fariam differença?

Mas em que sociedade escolheu elle as dezesseis mulheres sobre quem elle tomou as medidas, e que exercicio mental é permitido a mulher para desenvolver o seu cerebro? e mais ainda explica o anatomista porque o cerebro de Voltaire o grande philosopho era muitissimo mais leve do que o do louco Jorge III de Inglaterra e a contradicção

que a analyse provou haver entre as declarações de Bichat que professava a necessidade de inteira igualdade e symetria nos lobulos cerebraes e que entretanto possuia lobulós de volume absolutamente differentes?

Não, a sciencia não se presta mais a fornecer destas desculpas e mais ainda, as provas em contrario amplamente manifestadas de noesos dias se erguem, collossos para derribar estes sophismas. Se o homem possui a razão a mulher a possui igualmente: a imaginação é tao forte no bello sexo como no sexo que se denomina de forte; á mulher não falta a memoria; a vontade, quem pode duvidar que ella não a tenha?

O homem, diz-se em virtude de suas aptldões é chamado á exercer uma outra ordem de funcções que a mulher; eu quero ainda que desterreis esta mulher delicada no interior da casa, onde ella deve administrar e educar os seus filhos. Isto quer dizer que este trabalho da mulher não pede tanta intervenção da intelligencia como o faria qualquer trabalho do homem? Não; é impossivel acreditar que « não seja preciso de tanto bom senso para educar um filho, » para dar lhe, dia por dia, não só o leite do corpo como o do espirito. é impossivel acceitar que não seja preciso de tanta intelligencia para formar e cultivar uma alma novel como para construir uma machina ou vender café! »

Vemos, portanto, que o cargo imposto á mulher não é tão simples e facil pois que é preciso de tanto trabalho para formar um espirito como para fabricar um engenho, que é necessaria de tantas aptidões para cultivar a mente de uma criança como para lavrar um campo.

Tratemos do saber agora se a malher cumpre com as suas obrigações:

Ah! infelizmente não. Quantas vezes não é a mãe tão cega como a criança que ella dirige! Floresta virgem, ella precisa de ser roteada primeiro é a instrucção é o machado que deve arrancar e destruir os abrolhos que brotam no cerebro feminino.

Mas sob o nome pomposo de instrucção não se deve entender o titulo irrisorio que se dá usualmente ao Alpha dos conhecimentos.

Entretanto, quantas vezes não declaram os paes estar fechado o livro das sciencias ás suas filhas quando ellas apenas tocaram com a ponta dos dedos as cousas as mais elementares !

Eis essa moça sem idéas ou sem solidez não pouca que tem, lançada no mundo em busca de um marido que a apreciará, talvez, por sua belleza, mas que certamente, nenhum commercio intellectual terá com ella.

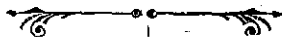
Duas pessoas estranhas, incompreensíveis uma para outra, e para quantos annos?...

E assim caminha a sociedade, não pensando que é a influencia vivificante da mulher que enriquece a choupana e civilisa os povos. que é um facto incontestavel que em toda parte o abaixamento da mulher é a prova do aviltamento do homem, que em toda parte o embrutecimento do homem e a reacção do abaixamento da mulher, pue a instrucção nunca terá raizes profunda senão chegar aos filhos por meio das mães as quaes têm tanta precisão de escavar os segredos do livro universal como o homem, mas as quaes não lhes concede nem direito, nem liberdade, quero dizer que o pae acha penoso gastar dinheiro para educar a filha mais prodigaliza o de mais quanto aos filhos, e assim frustra em proveito do outro.

Mlle. RENNOTTE



Stella Matutina



*Percussora d'alegria !
Nuncia de celeste aurora !
Estrella d'alva ! Maria,
Olha para mim senhora.*

*Dissipa as trevas pezadas
em que perdida vagueio,
Luz d'eternas alvoradas
dá-me o abrigo do teu seio.*

*Que fadiga tormentosa
é este viver d'horrores !
Espinhos, em toda rosa,
fel em todos os amores !*

*Ainda quando o sol brilhe
n'est'alma, senhora, é noite !
não vejo senda que trilhe,
nem asylo onde me acoite,*

*Esparge n'este deserto,
Estrella os teus raios d'ouro,
sustenta me o passo incerto,
arrianca me ao sorvedouro*

*d'este mundo d'amargura,
Salva me ó Virgem Maria,
doira com tua luz pura
o calix d'esta agonía.*

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

A mulher e o poeta

EXCERPTO

Se, como diz Pindaro: « a vida é o sonho de uma sombra, » que importa viver só de sonhos e illusões, seductoras?

Arrancar á alma as suas illusões, é mais descaroavel do que cortar ás azas a um bando de andorinhas. Para que se hão de submeter as mais formosas cousas a uma fria analyse; que nos desencanta e gela?

O botanico destroa a rosa ao examinal-a. O poeta não pede á rosa senão o perfume, contempla a, dominado pelo sentimento esthetico, gosa-a sem a anniquilar tributa-lhe admiração. amor, enthusiasmo e respeita a, como o egypcio á flor do loto. O astrónomo. postado no seu observatorio, quer averiguar o numero das constellações e seguir, ajudado do telescópio, a rotação dos astros; o poeta não alimenta esse orgulho: humilha-se ante os corpos celestes, é nada mais lhes pede do que um raio de luz para afugentar as sombras das suas melancolicas noutes.

O naturalista, armado do escalpelo anatomico, decompõe o corpo do pyrilampo, e reduz a brilhante mariposa á um misero esqueleto, o poeta segue com as azas da phantasia a alada borboleta, canta as suas bellas cores, os seus caprichosos vôos e exhibe a no esplendor da formosura. O poeta é o photographo da creação, o apostolo enviado pela Providencia.

Um poeta e uma mulher atheista afiguram se-me tão impossiveis como as irradiações da luz' na alma do reprobado. Não, mil vezes não! O atheu póde ser um grande versificador, mas nunca um poeta. O poeta contempla Deus com os immateriaes olhos da alma; a mulher com a fé do seu coração entusiasta. O poeta, como a mulher, crê. ama e espera, e por isso cauta a virtude. A mulher é poeta, a maior parte das vezes sem consciencia de que o é. Porque hade pois ser censurada com tanto rigor, quando brotam de

seus labios melodias suaves e ternas, que affluem instinctivamente, despretenciosamente? Acaso é responsavel o rouxinol pelos seus gorgeios?

A mulher poeta é um rouxinol sem azas, o rouxinol do jardim da vida.

Ao poeta e á mulher confiou Deus o encargo de aformosear a existencia. A mulher e o poeta devem cumprir essa ideal missão. Gloria ao poeta que canta a virtude! Louvores á mulher que lhe incute fé para cantal a!

Maria Conceição Flaquer



UMA VIDA MODELO

XI

Herodes inutilmente havia esperado a volta dos reis do Oriente. Convencido de que elles o tenham illudido, começou a inquietar-se seriamente; mandando consultar os letrados, se assim como estava annuciado á patria do Messias, não estaria tambem marcada a epocha do seu nascimento. Tendo elles asseverado que sim, e que era evidente ter ja nascido; esta certeza abalou o animo do tyranno, que temia ser derribado do throno, e por isso empregou todos os meios ao seu alcance para descobrir o paradeiro dos paes do menino. Sendo baldados os seus esforços, concebeu um snror tal, que á sua perversa indole suggeriu a crueldade mais espantosa de que a memoria nos annaes dos tyrannos, mandando degollar com excessivo sentimento dos paes e horror universal do mundo todos os meninos de Bethlem e seus arredores até a idade de dous annas.

«O que se pôde dizer do amor e da tristeza de tantas mães desditosas, diz um historiador, que viam levantar o ferro, e cortar a tenra vida, que á custa da sua resgatariam mil vezes se pôdessem?»

IDILIO AGRESTE

V

Genesio cedendo por fim á força onnipotente do amor tyranno, a cuja pressão já não lhe era possível subtrahir-se, com o desespero dos que procuram a todo transe uma idéa salvadora, resolveu explicar-se a Evangelina. Estava heroicamente resolvido a romper com o passado, se por ventura ella acceitasse a sua mão.

No dia immediato a esta resolução, no jardim depois do jantar, unica hora em que ficava sempre a sós com ella, enquanto Olivia corria ao longo das avenidas apóz as borboletas, elle pallido e tremulo de commoção declarou-lhe o partido que havia tomado.

Ao ouvir pela primeira vez as confidencias do homem a quem amava, um sorriso de intima alegria expandiu o semblante de Evangelina, onde a expressão habitual de tristeza desvaneceu-se completamente.

Mas a esperança que por um instante illuminou-lhe a existencia, desfez-se á voz do dever, e toda a sua alegria apagou-se de subito como um meteoro que passa.

Genesio que a observava, sem que um só momento desprendesse os olhos d'ella vio-a tremer e vacillar, sem ou-
sar responder-lhe.

— Não me respondes Evangelina! murmurou elle com uma inflexão triste. Será possível que não me ames??

— Oh! se o amo! voltou a moça dominando a custo a sua extraordinaria commoção; mais sinto que devo obedecer á voz imperiosa da consciencia que aponta-me o caminho do dever.

— E achas que devo consummar o mais doloroso dos sacrificios, perdendo para sempre a esperança da felicidade?

— Bem sabes Genesio, que entre nós interpõe-se a imagem de Olivia. E triste felicidade a que só se podesse obter á custa de alheia desgraça, calcando aos pés o dever, a amizade e a lealdade. Felicidade só nos póde dar os affectos que Deus abençôa.

— Oh !... soluçou Genesio com expressão dilacerante, quando á vóz imperiosa, exigente, incoercível da paixão, oppõe-se os ditames da razão, é que não existe por certo o verdadeiro amor.

E depois de um breve silencio acrescentou. — Quem pode subjugar os impulsos do coração, e submettel-o ás inflexíveis exigencias do dever, sem condoer-se do infeliz a quem despedaçou para sempre a esperança de ventura, não sabe amar.

Evangelina escutava-o silenciosa e resignada.

— Sei que me é impossível lutar, visto que nem sequer posso fugir a este fatal amor sem que o coração me fique esmagado e a vida extincta.

Pois bem, concluiu elle com um gesto febril de sombrio desespero, em breve tudo se acabará para mim... e sahiu com passos rapidos.

A moça n'esse lance supremo mal pudéra conter a dor immensa que a torturava, e ao ouvir extinguir-se os passos de Genesio, apertou a cabeça entre as mãos em um frenetico ardor, tentando em vão reprimir os soluços que lhe irrompiam convulsos do peito.

N'aquelle momento de pungente angustia, que separava talvez para sempre duas existencias, alguém occulto por entre o arvoredo chorava em silencio.

VI.

Pela primeira vez Olivia aguilhoada por uma dolorosa supeita, ouvindo a voz exaltada do noivo, se tinha occultado na sombra do espesso arvoredo, e não perdera uma só palavra de tudo quanto se dissera. Como que pregada no local onde vira bater as azas todas as suas illusões, já não era a creança alegre e risonha; uma nuvem escura perpassou-lhe ante os olhos, obscurecendo-lhe a alma. Qual a estatua da dor por alguns instantes permaneceu n'uma especie de angustioso torpor. Mas a doce e bondosa alma da creança, a quem a dor de subito transformara em mulher, bem depressa comprehendeu a extensão dos soffrimentos dos dous jovens,

cuja felicidade ella sem o saber esmagara. Arrancando-se ao pezar que a entristecia para só occupar-se d'elles, jurou tacitamente devotar-se á ventura de ambos.

Como se fosse repentinamente ferida por uma idéa subita, sem procurar consolar a amiga e nem sequer deter-se a interrogar-a, passou junto d'ella como o raio, e desappareceu do jardim.

E' que ella lembrava-se de ter visto Genesio partir com a expressão do desespero no semblante, e o receio de que elle não attentasse contra a vida, fel-a enviar em seu seguimento um rapazito com ordem de chamal-o em nome do tio.

Em seguida foi ter com o pae, a quem tudo referiu, instando-lhe ao mesmo tempo, para que empregasse toda a sua influencia em favor do enlace dos dous jovens.

Vasconcellos ouvia-a algum tanto surpreso; e cheio de admiração pela filha abraçou-a commovido, promettendo-lhe fazer a vontade que era para elle a suprema lei.

Quando Genesio veio ao conhecimento de tudo por intermedio do tio, surprehendido e admirado, passou sem transição da angustia mais pungente á mais inesperada felicidade. No meio porém do intimo jubilo que lhe inundava o coração, sentia amesquinhar-se ante a generosa e boa creança que com o sorriso nos labios, parecia feliz na grandesa de sua abnegação.

O ditoso par envolvendo-a n'um olhar demorado e affectuoso, com a mais viva effusão agradeciam-lhe a sua immensa felicidade, e nem ao de leve suspeitavam, atravez da tranquillã e suavissima apparencia da moça, o soffrimento intimo que lhe obscurecia a alma

Alguns mezes depois Evangelina acompanhada pelo pae e por Genesio partia para a cidade da Campanha, onde devia effectuar-se o consórcio de ambos,

E quinze dias mais tarde, Vasconcellos e a filha embarcavam-se para a Europa. Quando o vapor levantou ferro, ambos em completa immobildade achavam-se de pé na amurada junto á popa. O pae voltado para o ponto d'onde partira o vapor, olhava tristemente a patria que aq. longe ia desaparecendo lentamente. Quanto a Olivia, de costas a curta distancia seguia com o olhar distraido a immensa extensão d'agua que a rodeiava, como se não quizesse vêr o afastamento da terra, que sem duvida traz a-lhe á lembrança o pêso d'uma saudade infinita.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO



A SEMPRE VIVA



I

Amanhecia... Os primeiros clarões da aurora dissipam no céu as ultimas sombras da madrugada.

Pouco a pouco a côr lactea da alvorada é substituida pelas rubras tintas do arrebol, e lentamente por de traz das serras apparece o sol, deramando a flux torrentes de luz. Myriades de passaros com os seus trilos cadenciosos, saudam contentes, os raios refulgentes d'um esplendido sol de Abril, e por entre as acacias floridas, ouve-se o arrulhar meigo das juritys.

O ar limpidio e sereno da manhã é impregnado do aroma delicioso d'uma infinidade de flôres odoríferas, que se ostentam deslumbrantes, banhadas pelo rocio matutino. Meio escondido por entre as ramarias em flôr vê-se um elegante chalet, cujas janellas conservão as stores, hermeticamente corridas, á excepção d'uma onde se destacava o perfil gracioso d'uma formosa moça,

Havia tanta suavidade nas linhas harmoniosas e puras do seu rosto moreno, tao inexcédível meiguice na expressão doce e pensativa dos seus olhos negros e fascinantes, que ninguem podia vel a sem que se sentisse logo subjugado por um irresistível impulso de sympathia.

Todavia por uma d'essas pungentes ironias do destino, aquella manhã tão risonha e festiva surprehendera Natalia immersa em inexprimível angústia a chorar soluçando inconsolável a perda do seu primeiro amor.

Toda a noite inquieta e agitada com o olhar febril, passeiara pelo seu elegante *boudoir* como uma allucinada, tendo entre as mãos crispadas, algumas flores seccas; tristes despojos dos sonhos dourados que phantasiara, e que agora lhe despedaçavam o coração depois de terem desencantado o espirito.

II

Natalia amava com toda a effervescencia dos seus vinte annos a um joven com quem deveria esposar-se no prazo de dois mezes, mas o espirito superficial leviano e versatil do noivo, bem depressa fez-lhe olvidar os seus protestos de lealdade inquebrantavel, rendendo culto a outro idolo. A sua traição veio subitamente, qual uma nuvem escura, offuscar a meiga aurora d'aquelle decantado idyllio. Entretanto apesar das provas convincentes da ingratidão do noivo, ella ainda tentara um ultimo esforço para reagir contra a evidencia esmagadora que a acabrunhava, e assim lembrou-se de exigir d'elle as provas de affecto que em outros tempos lhe tinha dado. A ingenua e credula moça, ousava esperar que o noivo não condescenderia ao seu pedido e que pelo contrario conservar-as hia como uma grata recordação do passado.

Mas todas as suas illusões, todas as suas esperanças e todas as suas crenças dissiparam-se em verdadeira derrocada, ante o desdém altivo com que o moço a fulminou entregando-lhe tudo.

Alli estava o seu primeiro *bouquet* de violetas; o se-

gundo preso a um lacinho de fita verde, e mais uma doirada sempre viva, cujas petalas inodoras ostentavam se deslumbrantes e garridas, como a mais casquilhadas loureiras.

Natalia, tremula de commoção e de despeito apertava entre as mãos aquellas pobres flôres, que lhe queimavam a epiderme, fitando-as sem vel-as, mas simulando uma frieza e indiferença que estava bem longe de sentir. Incapaz de sustentar por mais tempo a sua apparente tranquillidade, afastou se sósinha para o seu quarto, sentindo as lagrimas affluirem lhe do coração aos olhos.

E foi só depois de alli chegar que abandonou se sem testemunhas ás torturas cruciantes do amargo desengano, que como a lamina d'um punhal lhe rasgavam o coração ultrajado. Nas convulsões da crise intensa, dó seu violento e indomito desespero, abriu a janella de par em par como se sentisse asphixiar no explosir dos soluços que lhe irrompiam do peito.

III

Quando as brisas frescas da madrugada penetraram no gabinete de Natalia, ella ainda chorava, sentada junto á janella tendo a cabeça apoiada sobre uma das mãos.

O seu bello rosto aljofrado de lagrimas, tinha a pallidez de um marmore de Carrara. Os seus olhos negros entumecidos pelo pranto estavam mais animados e atravez do bistro das olheiras roxas despediam scentelhas phosphorescentes.

Erguendo-se, deu distrahidamente alguns passos e parou defronte de uma pequena secretaria de ébano. O seu olhar fixou-se entao com demorada insistencia sobre as florinhas que alli jáziam esparsas.

As pobres violetas fanadas e resequidas dobravam-se sob as frageis hastes e retrahiam as suas petalas de um roxo desbotado, parecendo chorarem como ella a ingratição do amante desleal, envoltas no luctuoso véo de sua incon-

solavel tristeza. Mas a sempre viva com o seu amarello de um brilho ardente e caustico, a palpar de seiva, punha uma nota aguda e dissonante no meio do silencio desolador daquelle gabinete, onde Natalia sentia-se morrer dilacerada pela sua pungente magua.

Por vezes a moça tivera impetos de despedaçar a e calçar-a aos pés; fechava os olhos como si a não quizesse ver, porém a sempre viva attrahia-a, dominava-a e por singular fascinação reaparecia-lhe na mente escaldada, a dar-dejar fagulhas, torcendo-se qual um *pierrot*, sempre perfida, sempre zombeteira, comprazendo-se em irritar-lhe as angustias. A moça não pode conter-se por mais tempo, no auge do desespero apoderou-se da flor e sacudindo-a violentamente afojeou a pela janella fóra.

IV

A pobre florinha depois de revoltear alguns instantes no espaço, foi cair aos pés de um passeiante matinal, que justamente áquella hora passava junto do elegante chalet. Elle ergueu immediatamente os olhos, e viu desenhar-se na janella o vulto flexivel e esculptural de Natalia. O sol illuminava-a toda com os reflexos de sua luz, dando-lhe na fronte o brilho de uma aureola celeste. Jamais a moça lhe parecera tão bella, estava seductora.

O desconhecido saudou-a com um sorriso insinuante lançando-lhe ao mesmo tempo um profundo e ardente olhar. Em seguida com uma incrível prestesa curvou-se, panhou a flor e guardou-a no peito. O seu movimento rapido e quasi imperceptivel, não escapou comtudo ao olhar de Natalia, a qual corando e impallidecendo successivamente desapareceu na penumbra, sem mesmo corresponder ao cumprimento do moço.

Ha muito que elle amava-a em silencio, preferindo-a a todás, mas no fundo de sua alma guardava o segredo do amor que lhe queimava o coração. Orgulhoso e um tanto reservado, por cousa alguma teria coragem para confessar-lhe a sua paixão, uma vez que ella parecia desdenhar ou

não queria comprehender a preferencia que sempre manifestara-lhe. Entretanto no acontecimento que acabava de testemunhar, o qual esteve longe de imaginar, que fosse um simples effeito do acaso, e á vista da extrema perturbação de Natalia o moço julgou ter adivinhado o segredo dos seus intimos pensamentos.

Pela primeira vez elle sentiu os jubilos ineffaveis de amar e ser amado, parecendo-lhe que a florinha unida ao seio, lhe segredava mysteriosamente um mundo de revellações ignotas e dulcissimas.

.

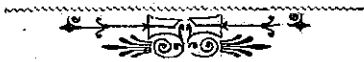
Quantas vezes o destino de uma creatura depende de uma carta!... Estas palavras que V. Sardou, faz exclamar a um dos seus personagens, podem ter alguma applicação aos heroes d'esta despretenciosa narrativa, cujos destinos dependiam apenas de uma simples flor.

Alguns mezes depois, quando o moço radiante de felicidade, mostrou a Natalia, então sua esposa, aquella sempre viva d um brilho ardente e caustico parecendo ainda palpitar de seiva, ella por unica resposta escondeu a cabeça no seio do marido, como para disfarçar o enleio que sentia.

E que a flor acabava de cravar-lhe n'alma, como o agudo bico d um estylete corso, a pontinha d um remorso.

S. Paulo.

Natalia Trausa.



A infância

Infância! Ditosa quadra da nossa existencia, em que somos embaladas pelas ternas caricias de uma mãe! Oh! que mago conforto se encerra n'esta tão pura crença! E' a ella que devemos o ser, ella nos alimenta ao seu seio; nos guia os primeiros passos e nos ensina a balbuciar as primeiras palavras, ella nos sorri com indulgencia, quando fazemos alguma travessura, propria da pouca idade.

E por isso a infancia a melhor época da vida, em que corremos nos prados colhendo flores, saltando regatos; é nesses brinquedos que a nossa alma se expande em gozos e innocentes passatempos; mas essa bella idade é bem depressa substituida pela juventude, em que amamos o bulicio, as festas, os prazeres, os espectaculos!

Que arrebatamento sentimos em um baile, onde envolvidas no turbilhão d'uma valsa vertiginosa que nos embriaga e encanta! Mas essa embriaguez é ephimera.

Correm os annos, vemos aproximar-se a idade com as suas pallidaas tristezas e soffrimentos! Pois ha quem não tenha que lamentar algum laço despedaçado, alguma affeição perdida? Só quem não tem gozado a doce felicidade da familia, quem não tenha amado, quem não tenha visto desaparecer da terra algum ente querido, companheiro da nossa existencia, e sumir-se para sempre sob a gelada pedra de uma sepultura!

Depois, isoladas no mundo sem uma unica consolação, o que nos resta? A esperanza, que nos dá lenitivo ás maguas, e torna-se o pharol que nós allumia nas trevas do nosso viver e nos dá a ventura que o mundo não nos pode offertar.

Mariana Eduarda



Orphão

Estou no mundo sosinho
Sem ter mãe e sem ter pae,
Nem um choro, nem um ai!
Quando me vêem chorar;
Se a aurora nasce p'ra mim,
Para a creança que chora,
Nem um riso tem a aurora
Para a 'minh'alma alegrar.

Lá quando em noites de agosto
Brilha no céu uma estrella,
Debalde busco se é *ella*,
A que me deu nascimento;
Bate a lua no arvoredor,
Sem que eu ame a sua luz;
Vou chorar ao pé da cruz,
Lá quando perpassa o vento.

A cada porta que bato
Ouço uma voz que me diz:
« Tu és pobre, és infeliz,
« Não te posso fazer bem. »
Elevo os olhos ao céu,
Mas o céu é triste e escuro,
Não tem o sorriso puro
Que teria minha mãe!

Eu vejo a folha cahida
Na vastidão da corrente,
E a folha é feliz, não sente
E não possue coração.
O' folha que o vento impelle,
Embora sejas mirrada,
Tu não és tão desgraçada,
Eu tenho uma alma e tu não!

Soffra muito! Esta existenci
Para mim não tem folguedos,
Nem encanto os arvoredos,
Nem as campinas também:
Pois nas flor's, pois na verdura,
Nem talvez no paraíso,
Haverá esse sorriso
Que teria minha mãe!

LUCINDA DE ANDRADE

A saudade



Entre todos os sentimentos que a nossa alma experimenta, o mais terno, mais doce, mais delicado e ao mesmo tempo mais dilacerante — é a saudade.

Uma flôr em turchecidã, uma alma sem crenças e um coração sem amor, são pallidos espectros da saudade..

Que ha de mais doloroso e tocante, que um pensamento inteiro entregue a uma santa recordação e um coração sensível abraçado nas dôres d'esse soffrer cruciante que se chama saudade ?

Oh ! sentimento magestoso e terrivel !

O que ha que possa dar uma ideia aproximada de ti !

A lagrima — emblema puro do coração — nada exprime comparada a enormidade de tua dor ! Ha tanta differença da lagrima para o sentimento, como da gotta de orvalho para o oceano.

O suspiro — murmurou queixoso das brisas do coração — acaso pôde conter esse perfume indefinivel de uma alma saudosa e apaixonada ?

Oh ! a saudade é um mixto de gozos e dores, de lagrimas e sorrisos, de trevas e luzes, enfim, como disse Garrett, é um gosto amargo de infelizes.

Preciliana Duarte

